



O PAPEL DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS TRADICIONAIS: REFLEXÕES ENTRE VIVÊNCIAS NA GUINÉ-BISSAU E EM SÃO FRANCISCO DO CONDE-BA

Laercia Pereira Baptista¹
Ana Rita De Cássia S. Barbosa²

RESUMO

O presente resumo apresenta um recorte de uma pesquisa mais ampla, interinstitucional, cujo objetivo é investigar e dar visibilidade a narradores orais tradicionais que se encontrem no interior da Bahia, registrando seus repertórios e disponibilizando-os por meio de um repositório aberto, tendo como questão norteadora a reflexão sobre como construir intercâmbios entre os saberes tradicionais e o conhecimento acadêmico relacionados a performance das tradições orais e da cultura popular. Neste recorte o participante envolvido pertence ao contexto da comunidade quilombola da Ilha do Paty (São Francisco do Conde-Ba). A metodologia de coleta desse acervo se deu por meio de entrevista narrativa, dispositivo de coleta de dados utilizado nas pesquisas (auto) biográficas. A análise do material recolhido, assim como o início da sua transcrição, visto que a pesquisa ainda não foi finalizada, está contribuindo para fomentar o debate sobre a importância de valorização da tradição oral e da circulação dessas histórias, tanto para a promoção desta literatura, quanto para a formação decolonial em contextos educacionais.

Palavras-chave: Tradição oral; Contadores de histórias tradicionais; Literatura Oral.

UNILAB/Ex-bolsista Pibic/Licenciada em Pedagogia, Instituto de Humanidades e Letras, Discente, laerciapereira@gmail.com¹
UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Docente, anarita.barbosa@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

O projeto "Cacimba de Histórias: encontros e intercâmbios com os saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia" procura não só ceder espaços aos contadores de histórias tradicionais, mas também incluí-los socialmente, porque sabe-se que esse ofício, no mundo contemporâneo praticamente entrou em extinção, devido à várias fontes de conhecimentos existente atualmente.

E relativamente a isso, pode-se afirmar que:

O mundo certamente mudou. O mundo contemporâneo é múltiplo, complexo, diverso. Os lugares de saberes são inúmeros, as formas de transmiti-los, incontáveis. O ser humano continua sedento de narrativas e elas podem vir para os olhos através do cinema, da fotografia, das artes plásticas, podem vir para ouvidos ou mesmo perscrutar todos os sentidos. O desafio parece ser a integração ou liberação de todos esses lugares, que cada um deles esteja disponível e que cada pessoa possa descobrir o próprio caminho em meio a esta miríade de possibilidades. (RIBEIRO, 2010, pág. 09)

Na África subsaariana, o povo peul acreditava que Deus, Maa, criara o homem para ser seu interlocutor, Maa Ngala, e dera a este o poder da palavra para que pudessem se comunicar (Ribeiro, 2010). Assim, é possível entender que:

A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribuiu para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana. Uma vez que se liga ao comportamento cotidiano do homem e da comunidade, a "cultura" africana não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida. Ela envolve uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma presença particular no mundo – um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e interagem. (HAMPATÉ BÂ, 1982: 182-183)

Nesse contexto objetivou-se adquirir conhecimentos teóricos sobre a tradição oral e sua importância para a preservação da história e da cultura de um povo, bem como sobre suas relações com a educação; refletir sobre as ações do projeto e suas relações com as práticas educacionais em espaços formais e não formais, sobretudo no que tange ao ensino da história e da cultura africana, afro-brasileira e indígena no âmbito das comunidades tradicionais do recôncavo baiano; identificar mestres e mestras da tradição, partindo do próprio contexto de vivência e experiência pessoal; contribuir nas fases de coleta e catalogação dos contos da tradição oral do recôncavo da Bahia, tomando como base o reconhecido Sistema de classificação de Aarne-Thompson ATU, aprendendo sobre o mesmo; trocar conhecimentos e experiências com estudantes das outras IES envolvidas no projeto mais amplo, bem como com os contadores de histórias tradicionais da região do Recôncavo baiano; participar de eventos de iniciação científica para divulgação parcial e final dos resultados do projeto.

METODOLOGIA

No âmbito de São Francisco do Conde, Bahia, até o momento temos um participante, morador da



comunidade quilombola da Ilha do Paty. Objetiva-se porém também identificar e envolver outros participantes de outros contextos do mesmo município em questão. O percurso metodológico envolveu as seguintes etapas:

- 1) Pesquisa e estudo bibliográfico das principais obras de autores que discutem a formação do contador de histórias e a valorização das narrativas orais.
- 2) Identificação dos Mestres e Mestras da comunidade
- 3) Realização da entrevista narrativa, registrada por meio de câmera de celular, após prévia autorização do entrevistado/a e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e o termo de autorização de uso de imagem. Ressalta-se que o projeto foi submetido e aprovado pelo comitê de ética em pesquisa.
- 4) Início da fase de transcrição e catalogação dos contos coletados

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fui orientada a iniciar a pesquisa partindo do meu contexto (Guiné-Bissau), embora sem sucesso, porque até o exato momento, só consegui identificar um contador, que infelizmente era contemporâneo e não o tradicional, como o projeto exige, pois são diferentes em vários aspectos. E sobre isso, Café (2015) nos alerta: Contar histórias sempre foi uma atividade presente na vida em sociedade, tanto no cotidiano, quanto em solenidades, festas e rituais. Esse relato de experiência envolve contadores tradicionais, que também pertencem ao mundo contemporâneo, como eu, mas que, diferente de mim, nunca precisaram fazer ou ministrar cursos para outros contadores de histórias (CAFÉ, 2015, pág. 39).

Deste modo, podemos dizer que tanto aqui no Brasil como em Guiné-Bissau é difícil encontrar, hoje em dia, esses narradores/as tradicionais, não só devido à desvalorização desse ofício no cenário contemporâneo, mas muitos que já não se encontram entre nós. Dentre aqueles que ainda estão vivos, alguns se esquecem muitas das histórias que aprenderam com os mais velhos e outros, devido ao avanço da idade, acabaram por contrair a doença de Alzheimer. Ademais, para encontrá-los, é um pouco difícil, pois muitas vivem em zonas muito afastadas. E isso, de certa forma, acaba dificultando o processo, como no meu caso. Nesse sentido, tivemos dificuldades em localizar os mestres da tradição em tal contexto.

Em relação às etapas previstas para a execução do projeto, além da pesquisa bibliográfica, acentuou-se em localizar mestres e mestras da tradição da região do Recôncavo baiano, especialmente em São Francisco do Conde, e essa busca teve o apoio/colaboração de outros estudantes e participantes do grupo de pesquisa (GEPILIS). Logo em seguida, realizamos a outra etapa, que é a entrevista narrativa. Sobre essa técnica de coleta de dados planejada para o mês de julho, Moura e Nacarato (2017) explicam que nesse tipo de entrevista, o foco não está centralizado na veracidade daquilo que é dito pelo narrador, mas sim no que ele tem na memória. Deste modo, o entrevistador deve deixar o entrevistado sentir-se à vontade para poder relatar melhor.

Em relação a São Francisco do Conde tive a oportunidade de viajar para a ilha de Paty, para entrevista Seu Mano, um senhor bastante conhecido na ilha, que tem muitas histórias guardadas em sua memória. Ao longo da entrevista, pude constatar o que a professora Luciene Santos (coordenadora geral do referido projeto de pesquisa) falou num dos encontros no qual tive o prazer de participar: "Os mais velhos sentem a necessidade de serem ouvidos". Isso de fato é uma grande verdade. Por isso, é importante deixá-los livres para expressar mesmo saindo do foco da questão proposta.

Neste contexto, Moura & Nacarata (2017), em seu trabalho intitulado, " a entrevista narrativa: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professoras, frisam o seguinte:

A dinâmica, nessa etapa da entrevista, é deixar os entrevistados contarem suas histórias. O pesquisador



precisa mostrar-se atento, interessado por elas; expor interesse não verbal ou para-linguístico; formular as perguntas iminentes para, quando o entrevistado fizer a “coda narrativa”, como chama Schütze (2011), aproveitar e dar continuidade à narrativa.

Dessa forma, o foco não está centralizado na veracidade daquilo que é dito pelo narrador, mas sim no que ele tem na memória. Deste modo, o entrevistador deve deixar o entrevistado sentir-se à vontade para poder relatar melhor.

No decorrer da entrevista, pude perceber que Seu Mano tem muitas histórias para nos contar, a partir do momento que percebeu que estávamos interessadas em ouvi-lo. Por outro lado, também várias vezes repetia algumas informações já passadas, que é uma das características da entrevista com esse público. Isso nos fez refletir sobre a entrevista narrativa na prática da pesquisa de campo, e sobre como as teorias estudadas sobre a tradição oral puderem ser visibilizadas por meio dessa experiência.

CONCLUSÕES

Ao longo das nossas discussões e também durante a entrevista narrativa na Ilha do Paty, pude compreender o quão é importante a preservação do conhecimento da oralidade, pois durante muito tempo serviu como um canal central da transmissão dos valores culturais. Porém, infelizmente, atualmente saberes tradicionais orais são menosprezados. Nas sociedades de tradição oral, as histórias são reservatórios de saberes e meios de transmissão dos mesmos, memória e palavra em movimento. Neste sentido, no âmbito educacional, é preciso pensar num currículo que possa promover um diálogo com a tradição oral, valorizando as “bibliotecas vivas” de cada comunidade e contexto. É preciso apostar na cultura oral, pois ainda somos reflexo dela. Portanto, tem haver mais espaço como o projeto Cacimba nas escolas e universidades, para que possamos dar vozes aos mestres/as das narrativas tradicionais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa PIBIC/UNILAB, ações afirmativas, pela oportunidade de participar desse projeto.

REFERÊNCIAS

- CAFÉ, ngela Barcellos. OS CONTADORES DE HISTÓRIAS NA CONTEMPORANEIDADE: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos. Brasília, 2015.
- HAMP TÉ B, Amadou. A tradição viva. In: HISTÓRIA geral da África, I: metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília, DF: UNESCO, 2010.
- MATOS, Gislayne Avelar. A PALAVRA DO CONTADOR DE HISTÓRIAS. São Paulo, 2005.
- MOURA, Jonatas Ferreira & NACARATO, Adair Mendes. A ENTREVISTA NARRATIVA: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professoras. São Luís, 2017
- RAMOS, Lázaro. NA MINHA PELE. Editora : Objetiva , 2017
- RIBEIRO, Kelly Cristiane. O CONTADOR DE HISTÓRIAS TRADICIONAL: MEMÓRIA E ESQUECIMENTO. UFBA, 2010. VI ENECULT. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/wordpress/24577.pdf>